

## O MITO DE ULISSES E A HISTÓRIA LUSITANA NAS MÃOS DE TEOLINDA GERSÃO

Licia Rebelo de Oliveira Matos (UFRJ)

Ângela Beatriz de Carvalho Faria (UFRJ)

### RESUMO

A importância da tradição greco-romana no mundo moderno ultrapassa influências diretas, como as que podemos observar nas línguas e nas artes. As narrativas clássicas se repetem com frequência não só na literatura, mas também na história; é o que mostra a escritora portuguesa Teolinda Gersão na obra *A cidade de Ulisses* (2011), *corpus* literário de nossa pesquisa. A autora aborda a jornada do herói grego Ulisses durante seu retorno a Ítaca após a guerra de Troia, e a semelhança desse mito à trajetória de Portugal ao longo de vários séculos. O desenho socioeconômico da *Odisseia* de Homero é discutido e aproveitado no romance em questão; segundo a autora, lembrando a história de seu país, Portugal viveu, século após século, períodos de saída de homens para o mar à custa de guerras, conquistas, exploração de outros territórios e emigrações com variadas finalidades. A notável ausência masculina no seio familiar lusitano, frente à presença da mulher como gestora da casa que restara, remete à leitura empreendida por Gersão do mito de Ulisses e Penélope, bem como do filho deixado no lar, Telêmaco. Endossa a relação entre Portugal e Grécia a lenda de que o guerreiro grego teria fundado Lisboa em seu caminho de regresso, história que os portugueses fazem por manter viva e presente em seus monumentos urbanos e manifestações artísticas. Usando-se desses elementos que aproximam essas duas nações afeitas às navegações e conquistas, Teolinda Gersão cria personagens que, em seu cotidiano, acabam por representar inconscientemente as figuras da segunda epopeia homérica. Para embasar a análise de sua obra, serão utilizadas leituras de Jean-Pierre Vernant, Pierre Grimal, Fernando Pessoa, Luís de Camões, entre outros teóricos, poetas e prosadores que falam sobre Grécia e Portugal.

Palavras-chave: Ulisses. Odisseu. Odisseia. Penélope. Homero. Portugal.

## O MITO DE ULISSES E A HISTÓRIA LUSITANA NAS MÃOS DE TEOLINDA GERSÃO

Licia Rebelo de Oliveira Matos (UFRJ)  
Ângela Beatriz de Carvalho Faria (UFRJ)

### Sobre um mito

“Nunca mais escaparemos a esses gregos”. A frase do poeta brasileiro Murilo Mendes (1972, p. 136) resume em poucas e sinceras palavras a incomensurável influência da antiguidade grega neste ocidente conhecido por nós, que se formou e reformulou desde então. Manifestando-se em nossa cultura por diversas vias – a política, a social, a linguística, por exemplo –, os gregos têm papel central em nosso modo de ver o mundo, sendo a literatura ocidental, domínio sobre o qual versa nosso estudo, marcada por reincidentes remissões à Grécia-mãe. Seja por meio do mito ou da literatura propriamente dita – ou, ainda, do mito que se transformou em literatura, como é o caso das epopeias homéricas –, é de certa forma incontornável aludir às heranças gregas quando da criação de novos caminhos poéticos e narrativos.

De poeta lusófono para poeta lusófona, a referida frase de Murilo Mendes é aproveitada pela portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen na epígrafe de seu livro de ensaios *O nu na Antiguidade clássica*, de 1978. Sophia, como costuma ser referida por seus conterrâneos, é presença sempre oportuna em se tratando de mapear pegadas gregas sobre terras lusas. A poeta se tornou conhecida por verter sobre grande parte de seus versos o encantamento pelo universo helênico, marcando a seu modo uma aproximação entre Portugal e Grécia, duas nações costeiras regidas pelo mar.

Aproveitando-me dessa deixa temática apresentada por Sophia e outros escritores lusitanos, este artigo, oriundo de uma pesquisa desenvolvida para obtenção do grau de mestre, tem como intuito apresentar e comentar a estreita relação existente entre gregos antigos e portugueses. Mais especificamente, quero focar na relação entre a história de Ulisses/Odisseu e a dos lusos, partindo do mito que aproxima as narrativas coletivas de ambos os povos. Minha intenção é observar como a literatura portuguesa absorveu o herói da *Odisseia*, tomando-o como personagem de enorme importância para a formação da nação lusitana.

Dessa forma, para início de discussão, introduzirei neste estudo um texto essencial para o tema da relação entre Ulisses e Portugal: o poema “Ulisses”, de

Fernando Pessoa. Trata-se do terceiro texto da *Mensagem*, obra poética que tem como proposta reconstruir a narrativa – apresentada por Camões, n’*Os lusíadas* – das navegações lusitanas até as Índias. O poema em questão, que leva o nome do herói grego, não por acaso é eleito por Pessoa para inaugurar a segunda parte de seu livro, denominada “Os castelos”, na qual, à semelhança do Canto III d’*Os lusíadas*, faz uma apresentação poética sobre personagens importantes da história portuguesa:

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo –  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.  
(PESSOA, 2011, p. 65).

O mito referido por Pessoa, explicitado no título do poema, corresponde à teoria inverídica de que Ulisses teria fundado o que viria a ser a cidade de Lisboa em meio a seu caminho de retorno a Ítaca após a guerra de Troia – o que constitui a odisseia propriamente dita. Ainda que sem veracidade possível, visto que Ulisses é um personagem mítico e literário, ou seja, ficcional, é curioso o modo como essa lenda se instalou na memória portuguesa. De maneira semelhante à cultura helênica em geral, que vige o ocidente que conhecemos, o navegador, conforme escreveu Pessoa, sem existir lhes bastou, por não ter ido foi indo, e os criou.

Tendo surgido ainda no período romano e perdurado por séculos, esse mito, que muito se resguarda na origem do nome da cidade, Olisipo, e em sua semelhança ao nome Ulisses, tem sido, por todo esse tempo, tema de fascínio dos portugueses: “Segundo a lenda Ulisses dera a Lisboa o seu nome, Ulisseum, transformado depois em Olisipo através de uma etimologia improvável.” (GERSÃO, 2011, p. 34).

Esse encanto se confirma nas manifestações artísticas locais, muitas delas, até hoje, fazendo reviver a memória do grego. Na literatura, o herói e os desdobramentos de sua viagem são cantados por referências como Luís de Camões, Fernando Pessoa, a já referida Sophia de Mello Breyner Andresen, Miguel Torga, Manuel Alegre, Almeida Faria, entre outros poetas e prosadores, nos quais podemos incluir Teolinda Gersão, que, em 2011, publicou o romance *A cidade de Ulisses*.

A obra de Gersão, tomando o herói como patrimônio cultural português, resgata o mito da fundação de Lisboa, narrativa que acaba por explicar muito do modo lusitano de viver e ver o mundo, em seu fascínio pelo épico, pelo que é grandioso, em sua história de exaltação a destemidos desbravadores de mares e terras. A nação que tem como símbolo o sentimentalismo e a saudade, o cantar dos feitos de outrora, muito se faz valer desse bem-vindo mito originário, que lhe confere “um estatuto singular, [de] uma cidade real criada pela personagem de um livro, contaminada portanto pela literatura, pelo mundo da ficção e das histórias contadas.” (GERSÃO, 2011, p. 34-35). Conforme escreve Junito de Souza Brandão sobre a apropriação do rei de Ítaca por alguns povos, “ter tido um herói do porte de Ulisses como rei, ancestral ou simplesmente como hóspede ou exilado, falava alto demais, para que se deixasse de formar um autêntico novelo de variantes e tradições locais.” (2000, p. 325).

Mas Teolinda Gersão vai além: por meio de seu protagonista e narrador, o artista plástico Paulo Vaz, a escritora desvenda uma associação histórica e cultural entre Portugal e Grécia, deflagrando semelhanças nos caminhos geográficos, sociais e emocionais traçados por seus respectivos povos. Com base nas figuras de Ulisses e Penélope, ela fala de uma herança de viagens e esperas que se manifesta à custa de uma segregação de gêneros: homens que saem e mulheres que ficam.

No estudo “Héstia-Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos” (1990), o helenista Jean-Pierre Vernant discorre a respeito desses lugares masculinos e femininos, tomando como representações de sua análise os deuses Hermes e Héstia. De acordo com Pierre Grimal, no *Dicionário da mitologia grega e romana*, “Hermes era considerado o deus do comércio e também do roubo. Ele guiava os viajantes pelos caminhos; [...]” (2011, p. 224). Por sua vez,

Héstia [representa] a deusa do Lar, de que é personificação [...] Enquanto as outras divindades vagueiam pelo mundo, Héstia permanece imóvel no Olimpo. Tal como o lar doméstico é o centro religioso da casa, assim também Héstia é o centro religioso da mansão divina.

Esta imobilidade de Héstia faz com que ela não desempenhe qualquer papel nas lendas. Permanece mais como um princípio abstracto, a ideia do lar, do que como uma divindade pessoal. (GRIMAL, 2011, p. 227).

Assim, com base nesses dois deuses classificados como correspondentes opostos nos estudos de Vernant sobre a cultura grega, ele resume:

O espaço doméstico, espaço fechado, com um teto (protegido), tem, para os gregos, uma conotação feminina. O espaço de fora, do exterior, tem conotação masculina. A mulher está em casa em seu domínio. Aí é o seu lugar; em princípio, ela não deve sair. O homem, pelo contrário, representa, no *oikos* [a casa], o elemento centrífugo: cabe-lhe deixar o recinto tranquilizador do lar para defrontar-se com os cansaços, os perigos, os imprevistos do exterior; cabe-lhe estabelecer os contatos com o que está fora, entrar em comércio com o estrangeiro. Quer se trate do trabalho, da guerra, dos negócios, das relações de amizade, da vida pública, quer esteja nos campos, na ágora, no mar ou na estrada, as atividades do homem são orientadas para fora. (VERNANT, 1990, p. 197-198).

Ainda que nosso objetivo neste estudo não seja a discussão de questões de gênero, mostra-se incontornável comentar a relação direta entre a análise de Vernant sobre os gregos e a cultura secular de nossa civilização. Por cultura secular, refiro-me à herança ocidental resistente até a contemporaneidade que divide homens e mulheres entre forças de saída e de centralização, respectivamente.

O par Ulisses e Penélope é, talvez, a mais oportuna simbolização dessa tendência. Se, por um lado, a viagem de Ulisses costuma ser lida com foco apenas no herói, revelando-se um sofrido percurso de solidão e provações que levam ao autoconhecimento e ao crescimento pessoal, por outro, ela sinaliza, também, uma questão sociocultural. A assunção de Penélope como coprotagonista de uma narrativa de viagem, sendo ela a representação da ausência do viajante, evidencia uma estrutura doméstica e econômica que se vale dos espaços atribuídos ao homem e à mulher. Citando novamente Murilo Mendes, “Enquanto Penélope dentro de casa tece

diariamente a história na sua roca, Ulisses lá fora fabrica o mito com seus companheiros.” (MENDES, 1972, p. 142).

Ulisses simboliza a força centrífuga de que fala Vernant, sendo o retrato do externo, da viagem, da luta, da conquista, da comunicação com povos, deuses e seres mitológicos; em outras palavras, o herói é mostrado o tempo todo em expansão. Por sua vez, a Penélope é reservado o espaço interno da casa. Ela circula pelos aposentos domésticos, sendo pouco vista do lado de fora; traça um percurso feito não com os pés, mas com as mãos, pelas linhas que desfia enquanto tece a manta da espera. É curioso notar a oposição entre os movimentos do homem e da mulher na epopeia: a navegação de Ulisses, percurso de ida, com um retorno de caráter errático, frente à tecelagem de Penélope, trajeto curto e repetitivo de ida e volta.

De forma semelhante, conforme muito bem observou Teolinda Gersão em *A cidade de Ulisses*, formou-se a sociedade portuguesa ao longo de séculos de viagens e navegações que tornaram Portugal uma potência marítima e colonizadora. A associação entre a história de Ulisses e a dos lusitanos é apresentada pelo personagem Paulo Vaz, narrador e protagonista do romance, em meio a elucubrações sobre Lisboa e o mito de sua fundação:

Podíamos ler a *Odisseia* como o primeiro romance europeu, matriz de todos os que vieram depois.

A história assentava como uma segunda pele no imaginário de Lisboa: Ulisses parte para a guerra e para o mar, deixando para trás a mulher e um filho.

Ao longo dos séculos também nós [portugueses] vivemos essa história de mulheres esperando, sozinhas, e de filhos crescendo sem pai. Foi assim nas cruzadas, nos Descobrimentos, na guerra colonial, na emigração, até ao século XX. (GERSÃO, 2011, p. 39-40).

Com efeito, tendo Portugal se criado e afirmado como uma nação de onde os homens partem, “país de imigrantes” (ibidem, p. 159), a solidão feminina, a espera e a formação de núcleos matriarcais se tornaram quadros sociais reais em diversos períodos da história portuguesa. Sobre essa condição das mulheres lusas, é premente recorrer ao poema “Mar português”, também da *Mensagem* de Fernando Pessoa, nos versos “Por te cruzarmos, quantas mães choraram,/ Quantos filhos em vão rezaram!/ Quantas noivas ficaram por casar/ Para que fosses nosso, ó mar!” (2011, p. 103), assim como à estrofe

89 do Canto IV lusíada: “Em tão longo caminho e duvidoso/ Por perdidos as gentes nos julgavam,/ As mulheres c’um choro piadoso,/ [...] Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso/ Amor mais desconfia, acrescentavam/ A desesperação e frio medo/ De já nos não tornar a ver tão cedo.” (CAMÕES, 1978, p. 216).

Por tanto se exaltar a força dos homens, muitos dos quais não puderam regressar, acabou-se por delegar às mulheres o legado da condução efetiva da nação, o que veio a se tornar, também, temática comum nas narrativas locais. É o caso, por exemplo, de *O senhor do paço de Ninães*, novela de Camilo Castelo Branco, cujo protagonista, circunstancialmente mais ligado à mãe que ao pai, o qual lutara na “milícia de África e Índia” (1966, p. 28), chega a declarar “Minha mãe é para mim a pátria.” (ibidem, p. 52).

### **Adentrando *A cidade de Ulisses***

Trilhando o caminho de seus precursores literários, Teolinda Gersão cria, em *A cidade de Ulisses*, uma voz de enunciação um pouco obsessiva quanto à ausência da figura paterna. O personagem Paulo Vaz, em meio a relatos sobre a infância e a família, se coloca no lugar de Telêmaco, definindo o descendente de Ulisses e a si mesmo como filhos sem pai. Enquanto o jovem grego passa 20 anos (dez de guerra e dez de retorno) sem conhecer Ulisses efetivamente, sustentando apenas uma concepção fantasmagórica e idealizada do rei de Ítaca, o narrador lisboeta convive durante a infância e a juventude com um homem autoritário e violento, que acaba por aproximar mãe e filho. A ausência literal de Ulisses vem a ecoar na presença sufocante e distanciadora de Sidónio Ramos – o pai – na casa familiar, junto a Paulo e Luísa Vaz – a mãe:

poder descarregar sobre ela (como também sobre mim [...]) a sua histeria, a sua frustração, o seu mal-estar consigo próprio, a sua raiva irracional contra o mundo. [...] A sua autoridade era de tal modo violenta que deixava de ser autoridade, era apenas uma voz trovejando, uma tempestade desabando sobre nós. A única coisa que procurávamos era sobreviver, como os animais procuram sobreviver ao perigo: escondendo-se, abrigando-se, fugindo. (GERSÃO, 2011, p. 94).

A partir dessa necessidade constante de fuga, promove-se o encontro de Paulo Vaz com a arte, que acabaria por se tornar seu modo de se colocar no mundo como homem e cidadão. Refugiados no sótão da casa familiar, Paulo Vaz cria com a mãe uma redoma de amor, cumplicidade e libertação por meio da descoberta de ambos pela criação artística.

Vemos, que, fazendo também parte da família retratada, Sidónio Ramos assume um posicionamento que ecoa da epopeia. A rua, lugar não concedido à mulher, faz dele, que tem livre acesso aos espaços interno e externo, uma espécie de Ulisses:

A modéstia da sua aparência e a sua vida quase monacal (monótona, repetitiva, incluindo a pobreza pessoal e uma espécie de clausura) faziam parte da estratégia defensiva do meu pai. Quanto menos ela desse nas vistas, mais probabilidades tinha de ficar com ela. O ideal seria mesmo que nunca saísse, a não ser ao lado dele, e mesmo assim poucas vezes. (GERSÃO, 2011, p. 94).

A necessidade de transpor os limites físicos e geográficos da casa se manifestam, então, para Luísa – uma Penélope – em alguns de seus traçados iniciais e iniciáticos: “por vezes ela desenhava espaços pequenos, linhas apertadas, perspectivas erráticas que pareciam deslizar para um ponto de fuga.” (ibidem, p. 95). Através de uma pequena janela no sótão dando para o Tejo, o anseio de partir se encontra com a água, afirmando a lusitanidade do romance: “O sótão tinha dentro o rio, e o rio tinha dentro o mar. O rio com o mar lá dentro era uma parede que deixava de haver, que se tinha diluído, ou tornado transparente como água. O sótão só tinha três paredes, a outra parede era o rio e o mar.” (ibidem, p. 80).

Dessa forma, por meio de sua história pessoal, o protagonista de Gersão se insere na *mátria* portuguesa e, fascinado com o mito de Ulisses, encontra um ponto de identificação com o filho do herói, mas não só. Ao tornar-se adulto, mudam-se as perspectivas de Paulo Vaz, que veste outro figurino na encenação ficcional da epopeia. Em relação a Cecília Branco, mulher com quem o artista se relaciona durante quatro anos na década de 1980, Gersão coloca-o, em certa medida, na pele do próprio Ulisses, enquanto a namorada, também fascinada pelo mito, encenaria inconscientemente o papel de Penélope: “Não esperes grande coisa de mim, Cecília. Sou um homem errante, ou, se preferires, errático. Estou apenas de passagem.” (ibidem, p. 27).

O narrador se define como um sujeito sem vínculos, afeito à liberdade e destituído de anseios de nacionalidade, o que, paradoxalmente, situa-o entre portugueses de diversas gerações: “não posso dizer que sofresse, ou pelo menos que sofresse demasiado, por estar longe do meu país, embora pensasse nele muitas vezes. Sentia-me igual a milhões de portugueses, emigrantes como eu.” (ibidem, p. 159); “No fundo nunca tive grande sentido de pertença [...] nunca abri mão de uma condição um tanto distanciada, da liberdade de não pertencer” (ibidem, p. 160).

Por sua vez, Cecília ocuparia o lugar de mulher ajustada ao lar – por opção, diferentemente de Luísa Vaz –: “Mas tu parecias adaptar-te sem dificuldade. Gostavas da casa e do ateliê.” (GERSÃO, 2011, p. 112); “Eu gostaria de ser como tu um animal de horários e rotinas. Mas não era: agradava-me o imprevisto, o desarrumar das coisas, o rasgão no mundo conhecido para surpreender além dele uma perspectiva improvável.” (ibidem, p. 110-111).

Não apenas como homem, mas também como pai – sem tê-lo sido, de fato – Paulo Vaz se vê no papel do herói grego, quando provoca o aborto de Cecília e, dessa forma, *abandona* o filho, nega-lhe o direito à vida e o direito a ter um pai, tal qual sua leitura de Ulisses para com Telêmaco. Numa carta escrita a Sidónio Ramos anos após sua morte e, naturalmente, nunca enviada, o artista declara: “Também eu fui um agressor, e muito mais violento do que tu. Contra um filho. E contra uma mulher amada.” (ibidem, p. 152).

Criando uma história mais complexa do que cabe abordar neste texto, ao longo de seu romance *Teolinda Gersão* coloca seus personagens nas peles de Ulisses, Penélope e Telêmaco, alternando-os conforme o desenrolar dos acontecimentos. Nem mesmo Lisboa, cidade elevada a quase protagonista da narrativa, escapa das comparações com o universo de Homero: ao relatar o fim da relação amorosa com Cecília, Paulo Vaz descreve uma Lisboa em ruínas:

A terra tremeu, debaixo dos meus pés, as casas oscilaram para cima e para baixo, para um lado e outro durante minutos que pareciam séculos. Depois os telhados começaram a cair, as paredes desmoronaram-se, uma nuvem de pó cobriu o sol, não se via nada nas ruas, só se ouviam gritos, havia gente que gritava, meio soterrada no meio dos escombros; pessoas e animais fugiam, e outros eram esmagados pelas casas que continuavam a cair, deflagaram incêndios em vários locais ao mesmo tempo, havia gente morrendo, sufocada ou queimada [...] o chão abriu-se e engoliu passeios, árvores, pessoas, autocarros, e depois o rio rebentou as margens e veio subindo, com o mar atrás dele [...] arrastando tudo consigo, navios, barcos, amarras, paredes, casas, igrejas, multidões em fuga – Lisboa desapareceu contigo. (ibidem, p. 154).

A imagem fictícia de destruição da capital portuguesa condensa as três vias narrativas que compõem o romance de *Teolinda Gersão*: o enredo ficcional em torno de Paulo Vaz, a história de Portugal e a presença do mito de Homero na cultura lusitana. Ela é, por essa razão, minha escolha para a conclusão deste artigo.

Representando o espaço onde Paulo Vaz passa a maior parte da vida e onde vive a relação com Cecília, Lisboa é elemento-chave no que diz respeito à história narrada. É, inclusive, a partir de uma proposta apresentada ao artista para que crie uma exposição sobre a cidade que se inicia sua rememoração sobre Cecília e o tempo ali vivido com ela; é, ainda, a partir dessas lembranças que Ulisses é trazido à narrativa. Por outro lado, a descrição da cidade em ruínas faz uma alusão silenciosa ao grande terremoto ocorrido em Lisboa em 1755, fator de grande importância na história lusitana, bem como à devastação de Troia pelos guerreiros gregos – dentre eles, Ulisses.

Unindo literatura, história e mito numa proposta de análise da cultura portuguesa e desse Portugal repleto de passado, cumpre-se a proposta de Teolinda Gersão em *A cidade de Ulisses* e, também, a nossa, nesta pesquisa. Encerra-se, assim, um projeto que se presta a, por meio da história e da vida cotidiana de Portugal, reviver o mito de Homero, fundador de todos nós.

## Referências

BRANCO, Camilo Castelo. *O senhor do paço de Ninães*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1966.

BRANDÃO, Junito de Souza. Ulisses: O mito do retorno. In: \_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 287-328.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os lusíadas*. Porto: Figueirinhas/ Rio de Janeiro: Padrão, 1978.

GERSÃO, Teolinda. *A cidade de Ulisses*. Porto: Sextante, 2011.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MENDES, Murilo. *Poliedro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1972.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre. Héstia-Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos. In: \_\_\_\_\_. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p 189-241.